

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE
EM DISCURSO SOBRE O ESTADO DA UNIÃO

Capitólio dos EUA
Washington, DC

21h10 (horário da Costa Leste dos EUA)

PRESIDENTE: Senhor presidente da Câmara, senhor vice-presidente, congressistas, concidadãos,

Estamos há 15 anos neste novo século. Quinze anos que começaram com o terror atingindo nosso território; que se desdobraram com uma nova geração lutando em duas longas e onerosas guerras; que viram uma recessão cruel se disseminar pela nossa nação e pelo mundo. Foram, e ainda são, tempos difíceis para muitos.

Mas, esta noite, viramos a página. Esta noite, depois de um ano de avanços para os Estados Unidos, nossa economia está crescendo e criando empregos no ritmo mais rápido desde 1999. (Aplausos.) Nossa taxa de desemprego está agora mais baixa do que estava antes da crise financeira. Mais do que nunca nossos filhos estão se formando. Mais do que nunca nosso povo está seguro. (Aplausos.) E reduzimos a dependência do petróleo estrangeiro a níveis de quase 30 anos atrás. (Aplausos.)

Esta noite, pela primeira vez desde 11/9, nossa missão de combate no Afeganistão chegou ao fim. (Aplausos.) Seis anos atrás, quase 180 mil soldados americanos serviam no Iraque e no Afeganistão. Hoje, restam menos de 15 mil. E saudamos a coragem e o sacrifício de cada homem e mulher dessa geração do 11/9 que serviu ao país para nos manter seguros. (Aplausos.) Somos humildemente gratos ao serviço prestado por vocês.

Estados Unidos da América, por tudo o que passamos; por toda coragem e pelo trabalho árduo necessários para ressurgirmos; por todas as tarefas que estão pela frente, saibam disso: a sombra da crise passou, e o Estado da União é forte. (Aplausos.)

Neste momento – com a economia crescendo, os déficits encolhendo, a indústria em plena atividade, a produção de energia aumentando – saímos da recessão mais livres para escrever nosso próprio futuro do que qualquer outra nação da face da Terra. Cabe a nós agora escolher quem queremos ser nos próximos 15 anos e nas próximas décadas.

Vamos aceitar uma economia em que apenas alguns poucos de nós se dão espetacularmente bem? Ou vamos nos comprometer com uma economia que gera aumento de renda e oportunidades para todos que se esforçam? (Aplausos.)

Vamos abordar o mundo temerosos e na defensiva, arrastados para conflitos onerosos que extenuam nossos militares e nos fazem regredir na nossa posição? Ou vamos liderar

com sabedoria, usando todos os elementos da nossa força para derrotar novas ameaças e proteger nosso planeta?

Vamos nos permitir nos separar em facções e nos virar uns contra os outros? Ou vamos recuperar o sentido de propósito comum que sempre impulsionou os Estados Unidos para frente?

Em duas semanas, enviarei a este Congresso uma proposta orçamentária com ideias práticas, não partidárias. E nos próximos meses, vou correr o país defendendo essas ideias. Portanto, esta noite, quero me concentrar menos numa lista de propostas e mais nos valores que estão em jogo nas escolhas que temos diante de nós.

Ela começa com a economia. Há sete anos, Rebekah e Ben Erler, de Mineápolis, eram recém-casados. (Risos.) Ela servia mesas. Ele trabalhava na construção. O primeiro filho, Jack, estava a caminho. Eles eram jovens e estavam apaixonados nos Estados Unidos. E não fica muito melhor do que isso. “Se soubéssemos”, escreveu Rebekah para mim no ano passado, “o que estava para acontecer no mercado imobiliário e de construção”.

Com o agravamento da crise, o negócio de Ben não resistiu, então ele aceitou os empregos que conseguiu arrumar, mesmo que o mantivessem na estrada por longos períodos de tempo. Rebekah pegou empréstimos de estudo, matriculou-se em uma faculdade comunitária e se reciclou para uma nova carreira. Eles se sacrificaram um pelo outro. E, aos poucos, valeu a pena. Compraram a casa própria. Tiveram um segundo filho, Henry. Rebekah conseguiu um emprego melhor e depois um aumento. Ben está de volta à construção – e em casa para o jantar todas as noites.

“É incrível”, escreveu Rebekah, “como podemos nos recuperar quando é preciso... Somos uma família forte e extremamente unida que conseguiu superar alguns momentos muito, muito difíceis”. Somos uma família forte e unida que conseguiu superar alguns momentos muito, muito difíceis.

Estados Unidos da América, a história de Rebekah e Ben é a sua história. Eles representam os milhões de pessoas que deram duro e se apertaram e se sacrificaram e se reciclaram. Vocês são a razão de eu ter concorrido a este cargo. Vocês são as pessoas em quem eu estava pensando há seis anos, nos meses mais sombrios da crise, quando nos degraus deste Capitólio prometi que reconstruiríamos nossa economia em novas bases. E foi a capacidade de recuperação e o esforço de vocês que tornaram possível ao nosso país ressurgir mais forte.

Acreditamos que poderíamos reverter a onda de transferência de trabalhos para fora e atrair novos empregos para os EUA. E, nos últimos cinco anos, nossas empresas criaram mais de 11 milhões de novos empregos. (Aplausos.)

Acreditamos que poderíamos reduzir nossa dependência do petróleo externo e proteger nosso planeta. E, hoje, somos o país número um em petróleo e gás. Somos o país número um em energia eólica. A cada três semanas, colocamos em uso a mesma quantidade de energia solar de todo o ano de 2008. (Aplausos.) E, graças a preços mais baixos do gás e normas mais rigorosas para os combustíveis, a família típica americana este ano deve economizar cerca de US\$ 750 na bomba. (Aplausos.)

Acreditamos que poderíamos preparar nossos filhos para um mundo mais competitivo. E, hoje, nossos estudantes mais jovens obtiveram as pontuações mais altas em matemática e leitura de que se tem registro. Nosso índice de conclusão do ensino médio atingiu a maior alta de todos os tempos. Mais do que nunca os americanos estão terminando a faculdade. (Aplausos.)

Acreditamos que regulamentações sensatas poderiam evitar outra crise, proteger famílias da ruína e incentivar a concorrência justa. Hoje, temos novas ferramentas para impedir operações de salvamento financiadas pelos contribuintes e uma nova fiscalização para proteger os consumidores contra empréstimos predatórios e práticas abusivas dos cartões de crédito. E, somente no ano passado, cerca de 10 milhões de americanos sem seguro finalmente ganharam a segurança da cobertura de saúde. (Aplausos.)

A cada passo nos diziam que nossas metas estavam equivocadas ou eram muito ambiciosas, que destruiríamos os empregos e explodiríamos os déficits. Em vez disso, vimos o crescimento econômico mais rápido em uma década, nossos déficits cortados em dois terços, um mercado acionário que duplicou e a inflação no setor de saúde em seu nível mais baixo em 50 anos. (Aplausos.) São boas notícias, pessoal. (Risos e aplausos.)

Portanto, o veredito é claro. A economia para a classe média funciona. Expandir as oportunidades funciona. E essas políticas continuarão a funcionar desde que a política não interfira. Não podemos desacelerar os negócios ou colocar nossa economia em risco com paralisações do governo ou confrontos fiscais. Não podemos colocar a segurança das famílias em risco tirando seu seguro-saúde, ou mudando as novas regras para Wall Street, ou travando novamente batalhas antigas sobre imigração quando é preciso arrumar um sistema falido. E vetarei qualquer projeto de lei que chegue à minha mesa tentando fazer qualquer dessas coisas. Receberá o meu veto. (Aplausos.)

Hoje, graças a uma economia em crescimento, a recuperação está atingindo cada vez mais pessoas. Os salários finalmente estão começando a aumentar de novo. Sabemos que mais proprietários de pequenas empresas planejam aumentar a remuneração de seus funcionários do que em qualquer outra época desde 2007. Mas aqui está o problema: nós aqui esta noite precisamos ir além de apenas garantir que o governo não estrague as coisas; que o governo não interrompa os avanços que estamos realizando. Precisamos fazer mais do que apenas não prejudicar. Esta noite, juntos, vamos fazer mais para restaurar o elo entre trabalho duro e oportunidades de crescimento para todos os americanos. (Aplausos.)

Porque famílias como a de Rebekah ainda precisam da nossa ajuda. Ela e Ben estão dando duro como sempre, mas tiveram de abrir mão das férias e de um carro novo para poder pagar os empréstimos de estudo e poupar para a aposentadoria. A pizza de sexta à noite é um grande luxo. A creche para Jack e Henry custa mais do que o financiamento da casa própria e quase tanto quanto um ano na Universidade de Minnesota. Como milhões de americanos trabalhadores, Rebekah não está pedindo donativos, mas que busquemos mais formas de ajudar as famílias a progredir.

E, na verdade, em todos os momentos de mudança econômica da nossa história, este país adotou medidas corajosas para se adaptar às novas circunstâncias e garantir que

todos tenham uma oportunidade justa. Criamos proteções para os trabalhadores, a Previdência Social, o Medicare, o Medicaid para nos proteger das adversidades mais severas. Demos aos nossos cidadãos escolas e faculdades, infraestrutura e internet – as ferramentas de que necessitavam para ir tão longe quanto seus esforços e seus sonhos os levassem.

Isso é a economia para a classe média – a ideia que este país faz melhor quando todos têm uma oportunidade justa, todos têm sua fatia justa, todos seguem as mesmas regras. (Aplausos.) Não queremos apenas que todos compartilhem do sucesso dos Estados Unidos, queremos que todos contribuam para o nosso sucesso. (Aplausos.)

Portanto, o que a economia para a classe média requer no nosso tempo?

Primeiro, a economia para a classe média significa ajudar as famílias trabalhadoras a se sentir mais seguras em um mundo de mudanças constantes. Isso significa ajudar as pessoas a pagar creche, faculdade, saúde, casa própria, aposentadoria. E a minha proposta orçamentária vai tratar de todas essas questões, diminuindo os impostos das famílias trabalhadoras e colocando milhares de dólares de volta no bolso delas todos os anos. (Aplausos.)

Vou dar um exemplo. Durante a Segunda Guerra Mundial, quando homens como meu avô foram para a guerra, ter mulheres como minha avó na força de trabalho era uma prioridade de segurança nacional – assim, este país forneceu assistência universal à infância. Na economia de hoje, quando ter os dois pais na força de trabalho é uma necessidade econômica para muitas famílias, precisamos mais do que nunca de creches de alta qualidade a preços acessíveis. (Aplausos.)

Não se trata de algo legal, mas de algo necessário. Portanto, é hora de parar de tratar a assistência infantil como uma questão secundária, ou como um problema da mulher, e tratá-la como prioridade econômica nacional que é para todos nós. (Aplausos.) E é por isso que meu plano torna a creche de qualidade mais disponível e mais acessível para todas as famílias de classe média e baixa renda com filhos pequenos nos Estados Unidos – criando mais vagas e uma nova redução fiscal de até US\$ 3 mil por criança, por ano. (Aplausos.)

Vejam outro exemplo. Hoje, somos o único país avançado do planeta que não concede licença médica remunerada ou licença-maternidade remunerada aos nossos trabalhadores. Quarenta e três milhões de trabalhadores não têm licença médica remunerada – 43 milhões. Pensem nisso. E isso força muitos pais a fazer a escolha extremamente dolorosa entre o salário e um filho doente em casa. Portanto, vou tomar novas medidas para ajudar os estados a adotar suas próprias leis de licença remunerada. E como a licença médica remunerada ganhou nos estados onde estava em votação em novembro passado, vamos colocá-la em votação aqui em Washington. (Aplausos.) Enviem-me um projeto de lei que dê a todos os trabalhadores dos Estados Unidos a oportunidade de obter sete dias de licença médica remunerada. Trata-se da coisa certa a ser feita. A coisa certa a ser feita. (Aplausos.)

É claro que nada ajuda as famílias a pagar as contas como salários mais altos. É por isso que este Congresso ainda precisa aprovar uma lei que garanta às mulheres a mesma remuneração dos homens para o mesmo trabalho. (Aplausos.) Estamos em 2015.

(Risos.) É chegada a hora. Ainda precisamos garantir que os funcionários recebam as horas extras que trabalharam. (Aplausos.) E para todos neste Congresso que ainda se recusam a aumentar o salário mínimo, digo o seguinte: se vocês realmente acham que podem trabalhar em tempo integral e sustentar uma família com menos de US\$ 15 mil por ano, tentem. Caso contrário, votem para dar um aumento a milhões de pessoas trabalhadoras dos Estados Unidos. (Aplausos.)

Essas propostas não vão deixar ninguém rico, não vão acabar com todos os problemas. Isso não é tarefa do governo. Para dar às famílias trabalhadoras oportunidades justas, ainda precisamos fazer com que mais empregadores vejam além dos lucros do próximo trimestre e reconheçam que investir em sua força de trabalho é do interesse de longo prazo da empresa. Ainda precisamos de leis que fortaleçam e não que enfraqueçam os sindicatos e deem voz aos trabalhadores americanos. (Aplausos.)

Mas, vocês sabem, coisas como creche e licença médica e equiparação salarial; coisas como juros mais baixos para o financiamento da casa própria e salário mínimo mais alto farão diferença significativa na vida de milhões de famílias. Isso é fato. E todos nós, republicanos e democratas igualmente, estamos aqui para fazer isso.

Segundo, para garantir que as pessoas continuem ganhando salários mais altos ao longo do caminho, temos de fazer mais para ajudar os americanos a melhorar suas qualificações. (Aplausos.) Os Estados Unidos prosperaram no século 20 porque tornamos o ensino médio gratuito, enviamos uma geração de soldados para a faculdade, capacitamos a melhor força de trabalho do mundo. Ficamos à frente da curva. Mas outros países nos alcançaram. E na economia do século 21, que recompensa o conhecimento como nunca antes, precisamos melhorar a qualidade do jogo. Precisamos fazer mais.

Até o final desta década, dois em cada três postos de trabalho exigirão alguma formação superior – dois em três. E, no entanto, ainda vivemos em um país onde muitos americanos brilhantes e batalhadores não podem bancar a formação que merecem. Não é justo com eles, e certamente não é inteligente para o nosso futuro. É por isso que estou enviando a este Congresso um novo plano audacioso para reduzir o custo da faculdade comunitária – para zero. (Aplausos.)

Lembrem-se que 40% dos nossos universitários escolhem a faculdade comunitária. Alguns são jovens e estão começando. Outros são mais velhos e estão procurando um emprego melhor. Alguns são veteranos e pais solteiros tentando voltar para o mercado de trabalho. Seja você quem for, esse plano é sua chance de se formar e ficar pronto para a nova economia sem se endividar. Entenda, você precisa fazer por merecer. Você precisa manter suas notas altas e se formar no prazo.

Tennessee, estado com liderança republicana, e Chicago, cidade com liderança democrata, estão mostrando que a faculdade comunitária é possível. Quero disseminar a ideia por todo o país, para que as faculdades de dois anos se tornem tão gratuitas e universais nos Estados Unidos quanto o ensino médio é hoje. (Aplausos.) Vamos ficar à frente da curva. (Aplausos.) E quero trabalhar com este Congresso para garantir que aqueles já sobrecarregados com empréstimos de estudo possam reduzir seus pagamentos mensais para que a dívida não arruíne os sonhos de ninguém. (Aplausos.)

Graças ao grande trabalho do vice-presidente Biden para atualizar nosso sistema de formação profissional, estamos conectando as faculdades comunitárias com empregadores locais para capacitar trabalhadores e preencher vagas de empregos bem remunerados como codificação, enfermagem e robótica. Esta noite, também estou pedindo a mais empresas para seguir exemplos como os da CVS e da UPS e oferecer mais benefícios educacionais e aprendizados remunerados – oportunidades que dão aos trabalhadores a possibilidade de conquistar empregos mais bem pagos mesmo que não tenham o ensino superior.

E, à medida que uma nova geração de veteranos volta para casa, devemos a eles todas as oportunidades de viver o sonho americano que ajudaram a defender. Já fizemos avanços no sentido de assegurar que todos os veteranos tenham acesso a atendimento da mais alta qualidade. Estamos reduzindo o atraso que fazia com que muitos veteranos esperassem anos para receber os benefícios de que necessitam. E estamos tornando mais fácil para os veteranos transformar sua formação e experiência em empregos civis. E a iniciativa Unindo Forças, campanha nacional lançada por Michelle e Jill Biden – (aplausos) – obrigado, Michelle; obrigado, Jill – já ajudou quase 700 mil veteranos e esposas de militares a conseguir um emprego novo. (Aplausos.) Portanto, vou repetir para todo CEO nos Estados Unidos: se você quer alguém que vai fazer o trabalho e fazer certo, contrate um veterano. (Aplausos.)

Por fim, à medida que capacitamos melhor nossos trabalhadores, precisamos que a nova economia continue produzindo empregos com salários altos para os nossos trabalhadores. Desde 2010, os Estados Unidos recolocaram no mercado de trabalho mais pessoas do que Europa, Japão e todas as economias avançadas juntas. (Aplausos.)

Nossa indústria criou quase 800 mil novos postos de trabalho. Alguns dos nossos setores essenciais, como a indústria automobilística, estão em expansão. Mas também há milhões de americanos que trabalham em empregos que não existiam há 10 ou 20 anos – empregos em empresas como Google, eBay e Tesla.

Portanto, ninguém sabe com certeza que setores vão gerar os empregos do futuro. Mas o que sabemos é que queremos esses empregos aqui nos Estados Unidos. Sabemos disso. (Aplausos.) E é por isso que a terceira parte da economia para a classe média tem a ver com a construção da economia mais competitiva de todas, o lugar onde as empresas querem se estabelecer e contratar.

As empresas do século 21 precisam de infraestrutura do século 21 – portos modernos, pontes mais fortes, trens mais rápidos e a internet mais rápida de todas. Democratas e republicanos costumavam estar de acordo sobre isso. Portanto, vamos olhar além de um único oleoduto. Vamos aprovar um plano bipartidário de infraestrutura que possa aumentar em mais de 30 vezes a geração de empregos por ano e tornar este país mais forte para as próximas décadas. (Aplausos.) Vamos fazer isso. Vamos fazer. Vamos fazer. (Aplausos.)

As empresas do século 21, incluindo as pequenas empresas, precisam vender mais produtos americanos no exterior. Hoje, as nossas empresas exportam mais do que nunca, e os exportadores tendem a pagar salários mais altos a seus funcionários. Mas, enquanto falamos, a China quer elaborar as regras para a região de crescimento mais rápido do mundo. Isso colocaria nossos trabalhadores e nossas empresas em

desvantagem. Por que deixaríamos isso acontecer? Nós devemos elaborar essas regras. Nós devemos igualar as condições do jogo. É por isso que estou pedindo aos dois partidos para me conceder a Autoridade de Promoção Comercial para proteger os trabalhadores americanos, com novos e fortes acordos comerciais da Ásia à Europa, que não sejam apenas acordos de livre comércio, mas também acordos justos. Trata-se da coisa certa a ser feita. (Aplausos.)

Vejam, sou o primeiro a admitir que acordos comerciais anteriores nem sempre corresponderam às expectativas, e é por isso que procuramos responsabilizar os países que quebram as regras às nossas custas. Mas 95% dos consumidores do mundo vivem fora das nossas fronteiras. Não podemos perder essas oportunidades. Mais da metade dos executivos da indústria disse estar procurando ativamente trazer os empregos de volta da China. Vamos dar a eles mais uma razão para fazer isso.

As empresas do século 21 dependerão da ciência e da tecnologia, da pesquisa e do desenvolvimento dos EUA. Quero que o país que eliminou a pólio e mapeou o genoma humano lidere uma nova era da medicina – que forneça o tratamento certo no momento certo. (Aplausos.)

Em alguns pacientes com fibrose cística, essa abordagem reverteu uma doença antes considerada irreversível. Portanto, esta noite, estou lançando a Iniciativa Medicina de Precisão para nos aproximar da cura de doenças como câncer e diabetes e dar a todos nós acesso a informações personalizadas que precisamos para que nós e nossas famílias continuemos saudáveis. Podemos fazer isso. (Aplausos.)

Minha intenção é proteger uma internet livre e aberta, ampliar seu alcance a todas as salas de aula e a todas as comunidades – (aplausos) – e ajudar na construção das redes mais rápidas possíveis para que a próxima geração de inovadores e empreendedores digitais tenha a plataforma para continuar reformulando nosso mundo.

Quero que os americanos vençam a corrida pelos tipos de descobertas que criam novos empregos – convertendo a luz do sol em combustível líquido; criando próteses revolucionárias, para que um veterano que perdeu os braços servindo a seu país possa jogar bola com seus filhos de novo. (Aplausos.) Avançando para o sistema solar não apenas para visitar, mas para lá permanecer. No mês passado, lançamos uma nova espaçonave como parte de um programa espacial revigorado que enviará astronautas americanos a Marte. E, em dois meses, para nos preparar para essas missões, Scott Kelly iniciará uma permanência de um ano no espaço. Portanto, boa sorte, capitão. Certifique-se de registrar tudo no Instagram. Estamos orgulhosos de você. (Aplausos.)

Agora, a verdade é que, quando se trata de questões como infraestrutura e pesquisa básica, sei que existe apoio bipartidário nesta casa. Parlamentares dos dois partidos me disseram isso. Onde muito frequentemente começam os problemas é no que diz respeito a como pagar por esses investimentos. Como americanos, não nos importamos de pagar nossa parcela justa de impostos desde que todos também paguem. Mas já há muito tempo, os lobistas conseguiram encontrar brechas no código tributário que permitem a algumas empresas não pagar nada enquanto outras pagam tudo. Embutiram um monte de concessões que os super-ricos não precisam, negando alívio às famílias da classe média que precisam.

Este ano, temos a oportunidade de mudar isso. Vamos acabar com as brechas e parar de recompensar empresas que mantêm lucros no exterior e recompensar aquelas que investem aqui nos Estados Unidos. (Aplausos.) Vamos usar essas economias para reconstruir nossa infraestrutura e torná-la mais atrativa para empresas que trazem empregos para os EUA. Vamos simplificar o sistema e permitir que a proprietária de uma pequena empresa faça seus registros com base no extrato bancário real e não no número de contadores que ela pode pagar. (Aplausos.) E vamos acabar com as brechas que resultam em desigualdade, permitindo que o 1% do topo deixe de pagar impostos sobre sua riqueza acumulada. Podemos usar esse dinheiro para ajudar mais famílias a pagar a creche e enviar seus filhos para a faculdade. Precisamos de um código tributário que ajude de verdade os americanos trabalhadores que estão tentando entrar na nova economia e podemos conseguir isso juntos. (Aplausos.) Podemos conseguir isso juntos.

Ajudando famílias de trabalhadores a conseguir pagar as contas. Dando a elas as ferramentas de que necessitam para empregos bem remunerados nesta nova economia. Mantendo as condições de crescimento e competitividade. É para onde os Estados Unidos precisam ir. Acredito que é para onde o povo americano quer ir. Isso tornará nossa economia mais forte daqui a um ano, daqui a 15 anos e neste século que temos pela frente.

Certamente, se há algo que este novo século nos ensinou é que não podemos separar nosso trabalho interno dos desafios externos.

Meu primeiro dever como comandante em chefe é defender os Estados Unidos da América. Ao fazer isso, a pergunta não é se os Estados Unidos lideram o mundo, mas como. Quando tomamos decisões precipitadas, reagindo às manchetes em vez de usar a cabeça; quando a primeira resposta a um desafio é enviar nossos militares, corremos o risco de nos envolver em conflitos desnecessários e negligenciar a estratégia mais abrangente necessária para um mundo mais seguro e mais próspero. É o que nossos inimigos querem que façamos.

Acredito em um tipo mais inteligente de liderança americana. Lideramos melhor quando combinamos poderio militar com uma diplomacia forte; quando alavancamos nosso poder com a formação de coalizões; quando não deixamos nossos medos nos cegar para as oportunidades que este novo século apresenta. É exatamente isso que estamos fazendo neste momento. E isso está fazendo a diferença no mundo.

Primeiro, estamos unidos às pessoas de todas as partes do mundo que foram alvo de terroristas – de uma escola no Paquistão às ruas de Paris. (Aplausos.) Continuaremos a perseguir os terroristas e dismantelar suas redes e nos reservamos o direito de agir de maneira unilateral, como fizemos incessantemente desde que assumi a Presidência para eliminar os terroristas que representam ameaça direta a nós e a nossos aliados. (Aplausos.)

Ao mesmo tempo, aprendemos algumas lições custosas nos últimos 13 anos. Em vez de os americanos patrulharem os vales do Afeganistão, treinamos suas forças de segurança, que agora assumiram a liderança, e honramos o sacrifício dos nossos soldados apoiando a primeira transição democrática daquele país. Em vez de enviar grandes forças terrestres para o exterior, estamos fazendo parcerias com nações do Sul da Ásia ao Norte da África para negar refúgio seguro a terroristas que ameaçam os Estados Unidos.

No Iraque e na Síria, a liderança americana, inclusive nossa força militar, está detendo o avanço do Estado Islâmico. Em vez de nos envolvermos em outra guerra terrestre no Oriente Médio, estamos liderando uma ampla coalizão, incluindo nações árabes, para desintegrar e por fim destruir esse grupo terrorista. (Aplausos.) Também estamos apoiando uma oposição moderada na Síria que pode nos ajudar nesse esforço e ajudando pessoas de todos os lugares contra a falida ideologia do extremismo violento.

Agora, esse esforço levará tempo. Exigirá foco. Mas teremos êxito. E, esta noite, peço a este Congresso para mostrar ao mundo que estamos unidos nessa missão aprovando uma resolução para autorizar o uso de força contra o Estado Islâmico. Precisamos dessa autoridade. (Aplausos.)

Segundo, estamos demonstrando o poder da força e da diplomacia dos EUA. Estamos defendendo o princípio de que as nações maiores não podem intimidar as pequenas – ao nos opor à agressão russa, apoiar a democracia da Ucrânia e tranquilizar nossos aliados da Otan. (Aplausos.)

No ano passado, quando estávamos fazendo o trabalho difícil de impor sanções junto com nossos aliados, quando estávamos reforçando a nossa presença em Estados na linha de frente, foi sugerido que a agressão do sr. Putin foi uma demonstração magistral de estratégia e força. Foi o que ouvi de algumas pessoas. Bem, hoje, são os Estados Unidos que estão fortes e unidos com nossos aliados, enquanto a Rússia está isolada com sua economia em frangalhos. É assim que os Estados Unidos lideram – não com bravatas, mas com determinação persistente e resoluta. (Aplausos.)

Em Cuba, estamos pondo fim a uma política que há muito tempo perdeu sua validade. (Aplausos.) Quando o que está sendo feito não funciona durante 50 anos, é hora de tentar algo novo. (Aplausos.) E a mudança da nossa política para Cuba tem o potencial de pôr fim a um legado de desconfiança no nosso continente. Ela remove uma falsa desculpa para restrições em Cuba. Ela defende valores democráticos e estende a mão da amizade ao povo cubano. E este ano o Congresso deve começar o trabalho para acabar com o embargo. (Aplausos.)

Como disse Sua Santidade, o papa Francisco, a diplomacia é um trabalho de “pequenos passos”. Esses pequenos passos deram uma nova esperança ao futuro de Cuba. E, depois de anos na prisão, estamos radiantes por Alan Gross estar de volta a onde pertence. Bem-vindo ao lar, Alan. Estamos felizes por você estar aqui. (Aplausos.)

Nossa diplomacia está trabalhando com relação ao Irã, onde, pela primeira vez em uma década, detivemos o avanço do programa nuclear e reduzimos o arsenal de material nuclear. De agora até o meio do ano, temos a oportunidade de negociar um acordo abrangente que impeça um Irã com armas nucleares, proteja os Estados Unidos e nossos aliados, inclusive Israel, e ao mesmo tempo evite outro conflito no Oriente Médio. Não há garantias de que as negociações terão sucesso, e mantenho todas as opções na mesa de negociação para evitar um Irã nuclear.

Mas as novas sanções aprovadas por este Congresso, neste momento, apenas garantirão o fracasso da diplomacia – indispondo os Estados Unidos com seus aliados; tornando mais difícil manter as sanções; e levando o Irã a recomeçar seu programa nuclear. Isso

não faz sentido. E é por isso que vetarei qualquer novo projeto de sanção que ameace reverter esses progressos. (Aplausos.) O povo americano espera que entremos em guerra apenas como último recurso, e pretendo seguir essa sabedoria.

Terceiro, estamos olhando para além das questões que nos consumiram no passado para moldar este próximo século. Nenhuma nação estrangeira, nenhum hacker devem ser capazes de derrubar nossas redes, roubar nossos segredos comerciais ou invadir a privacidade das famílias americanas, em especial dos nossos filhos. (Aplausos.) Portanto, estamos nos certificando de que nosso governo integre o serviço de inteligência para combater as ameaças cibernéticas, assim como fizemos para combater o terrorismo.

E, esta noite, conclamo este Congresso a finalmente aprovar a legislação de que precisamos para melhor enfrentar as crescentes ameaças de ataques cibernéticos, combater o roubo de identidade e proteger as informações dos nossos filhos. Esse deve ser um esforço bipartidário. (Aplausos.)

Se não agirmos, deixaremos nossa nação e nossa economia vulneráveis. Se agirmos, podemos continuar protegendo as tecnologias que desencadearam incontáveis oportunidades para pessoas do mundo todo.

Na África Ocidental, nossos soldados, nossos cientistas, nossos médicos, nossos enfermeiros, nossos profissionais de saúde estão combatendo o ebola – salvando inúmeras vidas e impedindo a disseminação da doença. (Aplausos.) Eu não poderia estar mais orgulhoso deles e agradeço a este Congresso pelo apoio bipartidário a esses esforços. Mas o trabalho ainda não está concluído, e o mundo precisa usar essa lição para construir um esforço global mais eficaz para impedir a disseminação de futuras pandemias, investir no desenvolvimento inteligente e erradicar a pobreza extrema.

Na região Ásia-Pacífico, estamos modernizando alianças e ao mesmo tempo garantindo que outras nações sigam as regras – em relação a como comercializam, como resolvem disputas marítimas, como enfrentam desafios internacionais comuns como a não proliferação e a ajuda a desastres. E nenhum desafio – nenhum desafio – representa maior ameaça às futuras gerações do que as mudanças climáticas. (Aplausos.)

2014 foi o ano mais quente do planeta de que se tem registro. É verdade que um ano não representa uma tendência, mas isso representa: 14 dos 15 anos mais quentes já registrados foram todos nos primeiros 15 anos deste século.

Ouvi algumas pessoas tentando ignorar as evidências dizendo que não são cientistas; que não temos informações suficientes para agir. Bem, eu também não sou cientista. Mas conheço muitos cientistas realmente bons na Nasa, na Noaa e nas nossas principais universidades. E os melhores cientistas do mundo estão nos dizendo que nossas atividades estão mudando o clima e que, se não agirmos de maneira vigorosa, continuaremos a ver elevação do nível dos oceanos, ondas de calor mais longas e mais quentes, secas e inundações perigosas e grandes interrupções que podem desencadear mais migrações, conflitos e fome no mundo todo. O Pentágono diz que as mudanças climáticas representam riscos imediatos à nossa segurança nacional. Devemos agir como tal. (Aplausos.)

E é por isso que, nos últimos seis anos, fizemos mais do que nunca para combater as mudanças climáticas, desde o modo como produzimos energia até o modo como a usamos. É por isso que separamos mais terras e águas públicas do que qualquer outro governo da história. E é por isso que não permitirei que este Congresso coloque em risco a saúde dos nossos filhos retrocedendo nossos esforços. Estou determinado a garantir que a liderança americana direcione a ação internacional. (Aplausos.)

Em Pequim, fizemos um anúncio histórico: os Estados Unidos dobrarão o ritmo de redução da poluição de carbono. E a China comprometeu-se, pela primeira vez, a limitar suas emissões. E como as duas maiores economias mundiais se uniram, outras nações estão se apresentando e criando a esperança de que este ano o mundo finalmente chegará a um acordo para proteger o nosso planeta.

E há um último pilar da nossa liderança, que é o exemplo dos nossos valores.

Como americanos, respeitamos a dignidade humana, mesmo quando somos ameaçados, e é por isso que proibi a tortura e trabalhei para garantir que o uso de novas tecnologias, como os drones, seja devidamente limitado. (Aplausos.) É por isso que nos manifestamos contra o deplorável antissemitismo que ressurgiu em determinadas partes do mundo. (Aplausos.) É por isso que continuamos a rejeitar estereótipos ofensivos contra os muçulmanos, a grande maioria dos quais compartilha nosso compromisso com a paz. É por isso que defendemos a liberdade de expressão e defendemos presos políticos e condenamos a perseguição de mulheres, minorias religiosas e lésbicas, gays, bissexuais ou transgêneros. Fazemos essas coisas não apenas porque é a coisa certa a ser feita, mas porque em última instância elas nos tornarão mais seguros. (Aplausos.)

Como americanos, temos um profundo compromisso com a justiça. Portanto, não faz nenhum sentido gastar US\$ 3 milhões por prisioneiro para manter aberta uma prisão que o mundo condena e os terroristas utilizam para recrutar. (Aplausos.) Desde que assumi a Presidência, trabalhamos de maneira responsável para reduzir pela metade a população da Base Naval da Baía de Guantánamo. É hora de terminar o serviço. E não cederei em minha determinação de fechá-la. Isso não é quem somos. É hora de fechar Guantánamo. (Aplausos.)

Como americanos, prezamos nossas liberdades civis e precisamos manter esse compromisso se quisermos o máximo de cooperação de outros países e do setor privado em nossa luta contra as redes terroristas. Assim, embora alguns tenham se afastado dos nossos debates sobre programas de vigilância, eu não me afastei. Como prometido, nossas agências de inteligência trabalharam com afinco, com as recomendações dos defensores da privacidade, para aumentar a transparência e construir mais salvaguardas contra potenciais abusos. E, no próximo mês, divulgarei um relatório sobre como estamos cumprindo nossa promessa de manter nosso país seguro e ao mesmo tempo reforçar a privacidade.

Olhando para o futuro e não para o passado. Garantindo que aliamos nosso poder à diplomacia e usamos a força com sabedoria. Formando coalizões para enfrentar novos desafios e oportunidades. Liderando – sempre – com o exemplo dos nossos valores. Isso é o que nos torna excepcionais. Isso é o que nos mantém fortes. É por isso que temos de continuar nos esforçando para nos manter nos mais elevados padrões – os nossos próprios.

Vocês sabem, há pouco mais de uma década proferi um discurso em Boston dizendo que não existia uma América liberal ou uma América conservadora, uma América negra ou uma América branca, mas sim os Estados Unidos da América. Disse isso porque é o que vi em minha própria vida, em uma nação que deu a alguém como eu uma chance; porque cresci no Havaí, um caldeirão de raças e costumes; porque fiz de Illinois o meu lar – um estado de pequenas cidades, ricas terras cultiváveis, uma das maiores cidades do mundo; um microcosmo do país onde democratas e republicanos e independentes, pessoas boas de todas as etnias e todas as religiões, compartilham certos valores fundamentais.

Nos últimos seis anos, os analistas políticos ressaltaram mais de uma vez que a minha Presidência não havia manifestado essa visão. Que irônico, dizem, que nossa política pareça mais dividida do que nunca. Isso é uma prova não apenas de minhas próprias falhas – que são muitas –, mas também é prova de que a visão em si é equivocada, ingênua, que há pessoas demais nesta cidade que realmente se beneficiam do partidarismo e da obstrução para que jamais façamos alguma coisa sobre isso.

Sei quão tentador pode ser esse ceticismo. Mas ainda penso que os céticos estão errados. Ainda acredito que somos um povo. Ainda acredito que juntos podemos fazer grandes coisas, mesmo quando as dificuldades são muitas. (Aplausos.)

Acredito nisso porque muitas e muitas vezes em meus seis anos de mandato vi o melhor dos Estados Unidos. Vi faces esperançosas de jovens recém-formados de Nova York à Califórnia e nossos mais novos cadetes em West Point, Annapolis, Colorado Springs, New London. Chorei com as famílias enlutadas em Tucson e Newtown, em Boston, no Oeste do Texas e na Virgínia Ocidental. Vi americanos combaterem a adversidade da Costa do Golfo às Grandes Planícies, das linhas de montagem do Meio-Oeste à costa mesoatlântica. Vi o casamento gay deixar de ser uma questão polêmica utilizada para nos dividir para ser uma história de liberdade em nosso país, um direito civil agora legal em estados que sete de cada dez americanos chamam de seu estado natal. (Aplausos.)

Portanto, conheço a boa, otimista e grande generosidade do povo americano, que todo dia vive a ideia de que somos os guardiões de nossos irmãos e nossas irmãs. E sei que eles esperam de nós, que trabalhamos aqui, um exemplo melhor.

Então, a pergunta para aqueles que estão aqui esta noite é como nós, todos nós, podemos refletir melhor as esperanças dos Estados Unidos. Atuei no Congresso com muitos de vocês. Conheço bem muitos de vocês. Há muita gente boa aqui, de ambos os lados. E muitos de vocês me disseram que não é isso o que vocês queriam – discutir uns com os outros em programas de TV, a constante arrecadação de fundos, sempre vigiando para saber como a base vai reagir a cada decisão.

Imaginem se quebrássemos esses desgastados e velhos padrões. Imaginem se fizéssemos alguma coisa diferente. Entendam, uma política melhor não é aquela em que os democratas abandonam sua agenda ou os republicanos simplesmente aceitam a minha. Uma política melhor é aquela em que evocamos a decência básica de cada um, e não os nossos temores mais básicos. Uma política melhor é aquela em que discutimos sem demonizar uns aos outros; falamos de problemas e valores, princípios e fatos, em

vez de “pegadinhas” ou gafes banais ou falsas controvérsias que não têm nada a ver com a vida diária das pessoas. (Aplausos.)

Uma política melhor é aquela em que passamos menos tempo mergulhados em dinheiro obscuro de campanha para anúncios que nos empurram para a sarjeta e mais tempo exaltando os jovens com um senso de propósito e possibilidade, incentivando-os a se juntarem a nós na grande missão de construir os Estados Unidos.

Se é para ter discussões, então vamos ter discussões, mas vamos fazer com que sejam debates dignos desta casa e dignos deste país. Podemos ainda não concordar com o direito de escolha de uma mulher, mas certamente podemos concordar que é bom que os índices de aborto e gravidez de adolescentes estejam próximos de baixas históricas e que toda mulher deve ter acesso à assistência médica de que necessita. (Aplausos.)

Sim, a imigração ainda instiga paixões, mas com certeza podemos ver algo de nós mesmos no jovem estudante batalhador e concordar que ninguém sai ganhando quando uma mãe trabalhadora é arrancada de seu filho e que é possível formular uma lei que defenda nossa tradição como uma nação de leis e uma nação de imigrantes. Conversei com republicanos e democratas sobre isso. Isso é algo que podemos compartilhar.

Podemos abordar esse assunto em época de campanha, mas certamente podemos concordar que o direito de votar é sagrado; que ele está sendo negado a muitos — (aplausos) — e que neste 50^o aniversário da grande marcha de Selma para Montgomery e da aprovação da Lei do Direito ao Voto podemos nos unir, democratas e republicanos, para tornar o voto mais fácil para todos os americanos. (Aplausos.)

Podemos ter interpretações diferentes dos eventos de Ferguson e Nova York. Mas por certo podemos compreender o pai que teme que seu filho não possa andar na rua sem ser perseguido. E certamente podemos entender a esposa que não descansa até que o policial com quem se casou entre pela porta da frente no fim de seu turno. (Aplausos.) E certamente podemos concordar que é bom que, pela primeira vez em 40 anos, a taxa de criminalidade e a taxa de encarceramento tenham caído, e usar esse fato como ponto de partida para democratas e republicanos, líderes comunitários e agentes da lei, para reformar o sistema de justiça criminal americano de modo que ele proteja e ajude todos nós. (Aplausos.)

Isso é uma política melhor. É assim que começamos a gerar confiança novamente. É assim que fazemos este país avançar. É isso o que o povo americano deseja. E é isso o que ele merece.

Não tenho mais campanhas a fazer. (Aplausos.) Meu único programa — (risadas) — eu sei, porque venci ambas. (Aplausos.) Meu único programa para os próximos dois anos é o mesmo que tenho desde o dia em que prestei juramento nos degraus deste Capitólio — fazer o que acredito ser o melhor para os Estados Unidos. Se você compartilha do mesmo ideal que descrevi esta noite, junte-se a mim nessa missão. Se discorda de algumas partes, espero que pelo menos trabalhe comigo nas partes com as quais concorda. E me comprometo com cada republicano aqui presente esta noite que não apenas buscarei suas ideias como também procurarei trabalhar com vocês para tornar este país mais forte. (Aplausos.)

Porque quero que esta casa, quero que esta cidade reflita a verdade – que apesar de todos os nossos pontos cegos e deficiências, somos um povo com força e generosidade de espírito para superar as divisões, para nos unir num esforço comum, para ajudar nossos vizinhos, seja da mesma rua, seja do outro lado do mundo.

Quero que nossas ações digam a cada criança de cada bairro que sua vida é importante e que estamos comprometidos a melhorar suas chances na vida tanto quanto estamos comprometidos a trabalhar em nome de nossos próprios filhos. (Aplausos.) Quero que as futuras gerações saibam que somos um povo que vê nossas diferenças como um grande dom, que somos um povo que aprecia a dignidade e o valor de cada cidadão – homem e mulher, jovem e velho, negro e branco, latino-americano, asiático, imigrante, índio americano, gay, homossexual, americanos com doença mental ou deficiência física. Todo mundo é importante. Quero que eles cresçam em um país que mostre ao mundo aquilo que sabemos ser a verdade: que ainda somos mais que um monte de estados vermelhos e estados azuis; que somos os Estados Unidos da América. (Aplausos.)

Quero que eles cresçam em um país onde uma jovem mãe pode sentar-se e escrever uma carta para o seu presidente com uma história que resume estes últimos seis anos: “É incrível como podemos nos recuperar quando é preciso... Somos uma família forte e extremamente unida que conseguiu superar alguns momentos muito, muito difíceis.”

Meus concidadãos americanos, nós também somos uma família forte e extremamente unida. Nós também conseguimos superar alguns momentos difíceis. Em 15 anos deste novo século nós nos levantamos, chacoalhamos a poeira e começamos outra vez o trabalho de reconstruir os Estados Unidos. Lançamos um novo alicerce. Vamos escrever um futuro mais brilhante. Vamos começar este novo capítulo juntos – e vamos começar a trabalhar já. (Aplausos.)

Obrigado. Que Deus abençoe vocês. Que Deus abençoe este país que amamos. Obrigado. (Aplausos.)

FIM 22h11 (horário da costa leste dos EUA)